

GÓNGORA (Mário) . — *Studies in the Colonial History of Spanish América*
Transl. Richard Southern. London, Cambridge University Press,
(1975), 239 p. (Cambridge Latin American Studies, 20).

O propósito do livro do Professor Góngora (Universidade do Chile, Santiago) é tornar certos aspectos da História Colonial da América Espanhola mais acessíveis ao público universitário. O trabalho, intermediário entre a obra geral e a monográfica, não cobre todo o campo da pesquisa sobre o assunto, mas concentra sua atenção sobre alguns períodos e problemas significativos da América Colonial Espanhola.

Apresenta um glossário com 83 verbetes de termos específicos do período colonial espanhol e expressiva bibliografia, onde ressalta as principais fontes impressas e obras selecionadas usadas na elaboração do trabalho.

Estruturam a obra sete ensaios, compreendendo aspectos como o processo de Conquista, a Dominação e o fim do Império Espanhol:

1. — Os Conquistadores e as recompensas da Conquista.
2. — O Império Espanhol nas Índias: do Cristianismo ao Sistema de Sistema de Nações Estados.
3. — As instituições e idéias fundamentais do Estado Espanhol nas índias.
4. — Tendências da História Colonial e mudanças nas idéias fundamentais: o caso do sistema de trabalho nativo.

5. — O Iluminismo, o Despotismo Esclarecido e a crise ideológica nas Colônias.
6. — O Novo Mundo nos escritos escatológicos e utópicos do século XVI ao século XVIII.
7. — O problema da periodização da História pós-colombiana

A conquista espanhola da América foi, fundamentalmente, marcada por traços básicos cristalizados na Reconquista da Península e nas primeiras expedições ultramarinas para a Sicília, Sardenha, Bizâncio, África e Canárias, onde a iniciativa particular, através de grupos formados pelo *caudillo* e sua *comuña*, estimulados pela concessão de privilégios garantidos nas Capitulações, ocupou papel básico. O comércio representou, em tais empresas, aspecto secundário, marcadas que foram pela aventura e pela pirataria. Já a empresa americana aparece estruturada nos moldes de feitorias comerciais, tais como as portuguesas, aliadas à iniciativa particular. Persistiu, porém, no governo e na conquista da América o legado da Espanha Medieval, embora o estágio da caça e da escravização do índio, da simples coleta e apropriação de tesouros, tenha dado lugar ao da dominação e exploração baseados principalmente no sistema de *encomiendas*.

Essencial para o entendimento da História Colonial da América Espanhola é o estudo das discussões teóricas que buscaram legitimar a conquista e que estruturaram também o sistema de dominação implantado. Entre 1492 e 1713 a América Espanhola integrou-se no cosmos jurídico do Ocidente, primeiramente de acordo com noções baseadas nos princípios do Cristianismo e depois nos de monarquia nacional, representando um período de largas discussões e acirrados debates. A análise dos fundamentos jurídicos e teológicos expressos nas doutrinas das Bulas Papais, da Expanção Evangélica, da Ocupação Militar, segundo os arrazoados de Las Casas, Vitória, Motolinia e Palacios Rubio, exemplifica essa conturbada época.

As instituições de Estado nas Índias, entre 1500 e 1700 foram, em sua essência, semelhantes às da Espanha. Estruturaram-nas o poder de um monarca absoluto, não sujeito às leis, mas na prática, restrito por fatores derivados da Religião, da Ética, da Lei Divina, da Lei Natural e de tradições invioláveis. Entretanto, as condições peculiares da América — território, população, sistema econômica, distância da Metrópole, geraram características específicas, que marcaram o desenvolvimento institucional das Índias de Castela.

O período colonial não foi, porém, um simples crescimento vegetativo, de interesse apenas em seus aspectos econômicos, sociais e demográficos. A modificação institucional, principalmente a evolução do sistema de prestação de serviços — que influiu decisivamente na estruturação político-social da Colônias — apresenta fértil campo de estudo.

No século XVIII a América Espanhola, embora recebendo influências do pensamento iluminista, principalmente em sua versão espanhola, apresentou ainda traços da mentalidade tradicional. Mas a absorção das novas idéias le-

vou, na América, a um muito mais violento rompimento com o passado do que na Espanha.

As interpretações escatológicas e utópicas constituem importante elemento para o estudo da história americana, na medida em que, ao integrar as terras recém-descobertas no universo mental da modernidade europeia — como no caso da adoção do termo Novo Mundo, que satisfazia as aspirações do Renascimento, ignorando o passado pré-colombiano — transformou a América numa espécie de compensação dos ideais humanistas da época, marcando fortemente seus aspectos sócio-culturais.

As teorias de Chaunu (1964) e Morse (1964) constituem marco no campo da periodização da História da América, por romperem com o esquema tradicional (Conquista, Período Colonial e Independência) e servem de base para a divisão adotada. Assim, apresenta a História pós-Colombiana dividida em dois períodos:

- A era das índias, que compreende o confronto entre as culturas indígenas e os conquistadores e missionários que vai condicionar o desenvolvimento da *cultura crioula*. Corresponde, a grosso modo, ao período que medeia entre 1492 e 1640.
- O período Americano, precedido por um interregnum entre 1640 e 1740 — período de maturação da *cultura crioula* e declínio da administração espanhola, compreendendo desde o desabrochar da consciência nacional, até os nossos dias. A independência é entendida, não como um momento de ruptura, mas como o clímax de um longo processo de mudanças iniciadas em meados do século XVIII e determinante do curso subsequente de eventos.

O aspecto econômico da Colonização Espanhola fica em segundo plano, obscurecido pelo estudo dos aspectos culturais e jurídicos que marcaram o Período Colonial. Aqui o livro é rico: reflexão minuciosa dos fundamentos jurídicos, da evolução institucional, dos ecos do pensamento ilustrado europeu, da visão utópica que a América projeta à Europa; referências bibliográficas frequentes e atualizadas que possibilitam o aprofundamento da pesquisa.

Ausente, entretanto, um conceito de Colonização da Época Moderna, que pudesse alinhar os sete ensaios num total global e coerente. Embora, de início, assinala que a empreitada conquistadora na América assume feições comerciais, no todo da obra este aspecto não é reforçado e se dilui.

Assim, a América Colonial Espanhola é apresentada fora do contexto do período Moderno, desvinculada do processo mais geral de superação do feudalismo e constituição do capitalismo, como bem assinalou, entre nós, Fernando Antonio Novais (1).

VERA LÚCIA AMARAL FERLINI.

(1). — NOVAIS (F.A.), O Brasil nos quadros do Antigo Sistema Colonial, in MOTA (Carlos Guilherme) (org.), *Brasil em perspectiva*, 5ª edição. São Paulo DIFEL, 1974, pp. 47-68.